

A TRADIÇÃO PLATÔNICA INDIRETA: DE ARISTÓTELES AOS NOSSOS DIAS

Marcelo PERINE¹

RESUMO

O artigo apresenta o estado atual do debate em torno da questão das Doutrinas não escritas de Platão conhecidas pela tradição indireta do platonismo. Partindo dos indícios extraídos da obra escrita de Platão (*Fedro* e *Carta VII*) e das informações fornecidas por Aristóteles, considera em seguida o paradigma de interpretação que se baseia exclusivamente sobre a obra escrita de Platão, forjado em meados do século XIX por F. Schleiermacher, em contraste com o paradigma da Escola de Tübingen-Milão, que leva em conta o ensinamento oral de Platão transmitido pela tradição indireta.

Palavras-chave: Oralidade, escritura, Platão, Aristóteles, Schleiermacher, Escola de Tübingen.

INTRODUÇÃO

A imensa obra escrita de Platão deve ser entendida à luz de duas grandes influências:

⁽¹⁾ Dr. em Filosofia da PUC-São Paulo.

1) A progressiva universalização da escrita alfabética, que se introduziu progressivamente entre os gregos a partir da invenção do alfabeto no século VIII a.C., e que na época de Platão já integrava o currículo de formação dos jovens atenienses²;

2) O contraste entre a reflexão exclusivamente oral de Sócrates e a intensa atividade, inclusive literária, dos Sofistas e dos retóricos, dentre os quais se destacava Isócrates, em torno aos problemas da cultura. Esse contraste entre Sócrates-Platão, de um lado, Sofistas-Retóricos, de outro, pode ser interpretado como um verdadeiro “conflito de humanismos”³, que se colocou no centro da vida cultural ateniense do século IV a.C.

Platão elabora a sua filosofia e escreve a sua obra no momento em que a transição da cultura oral para a cultura escrita estava praticamente concluída; portanto, no momento em que uma nova “forma mental” estava se instalando definitivamente entre os gregos, não só por força da revolução cultural ligada à escrita alfabética, mas também pela revolução filosófica provocada pela atuação de Sócrates e dos Sofistas, que levou ao primeiro plano dos interesses uma nova agenda cultural.

A questão da tradição indireta

Para entender a importância da questão, quero evocar uma afirmação de um respeitado platonista contemporâneo Hans-Georg Gadamer: “O problema geral da interpretação platônica, tal como se nos

² Cf. E. HAVELOCK, *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*, trad. O. J. Serra, São Paulo, Unesp, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. Do mesmo autor, ver também: *Prefácio a Platão*, trad. E. A. Dobrábzszy, Campinas, Papirus Editora, 1996; “A equação oralidade-cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna”, in: D. R. OLSON; N. TORRANCE, *Cultura escrita e oralidade*, trad. V. L. Siqueira, São Paulo Editora Ática, 1995, p. 17-34.

³ A expressão “conflito de humanismos” foi-me sugerida por BERTI, E. *La filosofia del “primo” Aristotele*, Presentazione di G. Reale, Seconda edizione, Milão, Vista e Pensiero, 1997, p. 89-95.

apresenta hoje, funda-se sobre a obscura relação existente entre a obra dialógica e a doutrina de Platão que só conhecemos por uma tradição indireta¹⁴.

O contexto mais remoto dessa afirmação deve ser buscado na incontestável existência de uma *tradição indireta*, referente a um ensinamento oral de Platão, do qual temos indícios na própria obra escrita de Platão, cujas notícias nos chegaram por meio de seus discípulos imediatos, particularmente Aristóteles, mas também por Espêusipo e Xenócrates, e da qual também encontramos notícias em Teofrasto, em Aristóxeno, em Alexandre de Afrodísia, em Simplício e também na obra de Sexto Empírico⁵.

O contexto recente foi traçado pelas pesquisas da que ficou conhecida como Escola Platônica de Tübingen, a partir dos anos 50 do século passado, da qual os maiores expoentes são Hans Krämer, Konrad Gaiser e Thomas Szlezák, aos quais se juntaram pesquisadores da Universidade Católica de Milão como Giovanni Reale e Maurizio Migliori, Giancarlo Movia, entre outros, a partir dos anos 80, com uma contribuição tão significativa a ponto de justificar a nova designação de Escola de Tübingen-Milão⁶.

⁽⁴⁾ H. G. GADAMER, *Idee und Wirklichkeit in Platons "Timaios"*, Heidelberg 1974; agora em: GADAMER, *Gesammelte Werke*, Band 6, Tübingen 1985, pp. 242-270 (a passagem citada é da p. 244); traduzido também em italiano em: GADAMER, *Studi platonici*, 2 vols., edição italiana aos cuidados de G. MORETTO, Marietti, Casale Monferrato 1983/1984 (a passagem citada está no vol. 2, p. 90; grifo nosso).

⁽⁵⁾ Não podemos nos esquecer que Aristóteles foi discípulo da Academia por cerca de 20 anos, entre 367 a.C., quando ele ingressa na Academia enquanto Platão realizava a segunda viagem à Sicília, e 348 a.C., quando deixa a Academia depois da morte de Platão. Sobre a reconstrução do pensamento de Espêusipo e Xenócrates cf.: M. ISNARDI PARENTE, *Speusippo. Frammenti. Edizione, traduzione e commento*, Bibliopolis, Nápoles 1980; L. TARÁN, *Speusippus of Athens. A Critical Study with a Collection of the Related Texts and Commentary*, Brill, Leiden 1981; M. ISNARDI PARENTE, *Senocrate-Ermodoro, Frammenti. Edizione, traduzione e commento*, Bibliopolis, Nápoles 1982.

⁽⁶⁾ Cf. H. C. DE LIMA VAZ, "Um novo Platão?", *Síntese Nova Fase*, v. XVII, n. 50, jul./set. 1990, p. 101-113.

O contexto remoto da questão

a) Os indícios na obra escrita de Platão: o *Fedro* e a *Carta VII*

Começemos pelo *Fedro*⁷. Na última parte do diálogo (274 B–278 E) Platão desenvolve o tema da superioridade do discurso oral sobre o discurso escrito, que pode ser desmembrado em seis passos muito bem articulados.

1) A escritura não aumenta a sabedoria dos homens, mas a aparência de saber, e não reforça a memória, apenas oferece meios para “trazer à memória” coisas que já se sabe [274 B - 275 D].

2) O escrito inanimado é incapaz de falar de modo ativo, de se ajudar e de se defender sozinho das críticas, mas exige sempre o socorro do seu autor [275 D-E].

3) Os discursos vivos, mantidos na dimensão da oralidade, são impressos na alma de quem aprende, enquanto os discursos escritos são apenas uma imagem dos discursos feitos na dimensão da oralidade [276 A].

4) A escritura contém grande parte de “jogo”, enquanto a oralidade implica uma notável “seriedade”, de modo que ela exige muito mais empenho do que a escritura e chega a resultados muito mais válidos do que os alcançados por ela [276 B - 277 A].

5) O escrito, para ser bem sucedido, exige não só o conhecimento da verdade dialeticamente fundada, mas também o conhecimento da alma do destinatário, mas porque no escrito há muito de jogo, ele não pode ensinar e fazer com que se aprenda de maneira clara e completa, atributos que só se encontram no nível da oralidade dialética [277 A - 278 B].

⁷ PLATÃO, Diálogos. *Fedro – Cartas – O primeiro Alcibíades*, trad. de C. A. Nunes, Belém, Ed. Univ. Federal do Pará, 1975.

6) Quem confia tudo à escrita pode ser chamado de poeta, logógrafo ou redator de leis, enquanto filósofo é aquele que não confia as coisas de maior valor à escritura, mas à oralidade [278 B-E].

No assim chamado *excurso* da *Carta VII^a* (340 B – 345 C) Platão parece retomar algumas questões desenvolvidas no *Fedro* em relação ao escrito e explica alguns dos seus pontos de modo bastante didático. São, fundamentalmente quatro os pontos em questão.

1) Primeiro Platão explica em que consiste a “prova” à qual submetia os pretendentes à filosofia, para verificar se eram capazes de praticá-la.

2) Em seguida, apresenta os péssimos resultados da “prova” aplicada a Dionísio, que, depois de ouvir uma única lição oral de Platão, julgou que podia escrever até sobre as “coisas maiores”, justamente aquelas sobre as quais Platão negava a conveniência e a utilidade do escrito.

3) Platão dá, em seguida, alguns argumentos gnosiológicos de fundo para explicar as razões da inconveniência e inutilidade do escrito, e conclui que um escritor “sério” não confia ao escrito as coisas que para ele são “as mais sérias”, mas a conserva na própria alma.

4) Portanto, qualquer um que tenha escrito sobre as coisas que para Platão são as “coisas supremas”, não o fez por boas razões, mas por objetivos maus.

Além dessas passagens nas quais Platão trata explicitamente da escritura, a sua obra escrita está permeada do que Thomas Szlezák chamou de “passagens de retenção”⁹. Entende-se por “passagens de retenção” aquelas nas quais o condutor da discussão faz compreender sem equívoco possível que ele teria mais coisas a dizer e coisas mais

⁽⁸⁾ *Ibid.*

⁽⁹⁾ Ver além da obra acima citada: Th. A. SZLÉZAK, *Struttura e finalità dei dialoghi platonici. Che cosa significa “venire in soccorso al discorso?”*, “Rivista di Filosofia neoscolastica”, 81 (1989), p. 523-542; *Come leggere Platone*, trad. de N. Scotti, apresent. de G. Reale, Rusconi Libri, Milão 1991 (esta obra está sendo traduzida e será em breve publicada pelas Edições Loyola, São Paulo).

fundamentais sobre os aspectos mais importantes do que está sendo tratado, mas não o fará nem naquele lugar nem naquele momento. Nessas passagens o condutor da discussão não conduz sua argumentação a um fim orgânico, mas remete a temas, a desenvolvimentos e a domínios de investigação ulteriores cujo tratamento será necessário do ponto de vista da temática, mas que ele define como fora do alcance do exame em curso. As passagens de retenção na obra escrita têm a finalidade de remeter para além do escrito, à filosofia oral de Platão.

b) O testemunho de Aristóteles

Aristóteles, no capítulo 6 livro A (I) da *Metafísica*¹⁰, em primeiro lugar apresenta a teoria das Idéias em geral; em seguida ilustra e discute a teoria dos primeiros Princípios, dos quais derivam as próprias Idéias e, finalmente, esboça a estrutura hierárquica das realidades supra-sensíveis admitidas por Platão. Vejamos brevemente esses três momentos.

Aristóteles começa dizendo que Platão freqüentou o heraclítico Crátilo, a partir do qual amadureceu a convicção de que “todas as coisas sensíveis estão em contínuo fluxo e delas não é possível fazer ciência”. Depois, Platão aceitou de Sócrates o método da pesquisa do universal e da definição, estendendo o método que Sócrates aplicou apenas à esfera ética ao plano das realidades na sua totalidade, chegando à conclusão de que os objetos sensíveis não podem ser aquilo a que se referem a definição e o universal e que, portanto, devem existir outras realidades às quais se referem as definições. Platão denominou “Idéias” essas realidades, e sustentou que a pluralidade das coisas sensíveis subsiste por “participação” nessas Idéias (Cf. *Met.*, A 6, 987 a 29 – 988 a 17).

Em seguida Aristóteles afirma que a relação de “participação” entre as Idéias e as coisas sensíveis significa que as Idéias são “causas”

⁽¹⁰⁾ ARISTÓTELES, *Metafísica*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale, vol II: Texto grego com tradução ao lado, trad. de M. Perine, São Paulo, Loyola, 2002.

dos sensíveis, mas não as causas primeiras e definitivas, pois Platão sustentava que existiam “elementos constitutivos” das próprias Idéias e, portanto, Princípios ulteriores às próprias Idéias. Esses Princípios supremos são o *Uno* e a *Díade ilimitada e indefinida de grande-e-pequeno*. A função do Uno corresponde, para Aristóteles, à “forma” e a função da Díade à “matéria”. Portanto, o Uno é a causa formal das Idéias e a Díade de grande-e-pequeno é a “causa material”; as Idéias, por sua vez, são “causa formal” das coisas sensíveis, e o grande-e-pequeno desempenha o papel de “causa material” (Cf. *Met.*, A 6, 988 a 9-14). Ainda segundo Aristóteles, esse Princípios possuem um valor *axiológico*, ou seja, Platão atribuiu ao Uno a causa do *bem*, e ao Princípio oposto da Díade a causa do *mal* (Cf. *Met.*, A 6, 988 a 14-17).

Disso resulta que, além dos sensíveis e da esfera das Idéias, acima delas existe a esfera dos Princípios supremos do Uno e da Díade. Mas Aristóteles também afirma que Platão admitia entre os sensíveis e as Idéias uma *esfera intermediária*, constituída pelos entes matemáticos (Cf. *Met.*, A 6, 987 b 14-18), e afirma ainda que, junto com as Idéias Platão punha os Números ideais, considerados por ele como “causa” e “substância” das outras coisas (Cf. *Met.*, A 6, 987 b 24 s.), concordando assim com os pitagóricos, mas discordando deles pelo fato de afirmar que os Números são separados dos sensíveis (Cf. *Met.*, A 6, 987 b 27 ss.) e são os primeiros derivados do Uno e da Díade (Cf. *Met.*, A 6, 987 b 29 – 988 a 10).

A hierarquia das realidades supra-sensíveis seria, portanto, a seguinte:

- (1) os Princípios supremos do Uno e da Díade de grande-e-pequeno;
- (2) Números ideais;
- (3) Idéias ou Formas;
- (4) Entes matemáticos “intermediários”.

A primeira coisa que chama a atenção é que essa reconstrução do pensamento de não corresponde ao que lemos nos

diálogos e parece apontar para algo que estaria fora dos escritos. O próprio Aristóteles sugere isto numa passagem da *Física*, onde fala de “doutrinas não-escritas” de Platão (Cf. *Fís.*, IV 2, 209 b 11-17)¹¹.

O contexto recente da questão

a) A edição de Platão de Schleiermacher

A interpretação de um filósofo antigo com base na tradição indireta, hábito muito difundido desde a antigüidade, começou a ser superado no século XIX quando, com a monumental edição da tradução alemã da obra platônica por Schleiermacher¹². De 1804 a 1828, esse teólogo alemão preparou uma imponente tradução de Platão, com critérios que pretendiam o máximo de fidelidade possível ao original, apresentados na famosa “Introdução”¹³ geral da obra. Nessa edição, o texto de Platão adquire prioridade absoluta, como unidade indissolúvel de forma e conteúdo, do que resultou que a unidade do pensamento platônico devia ser buscada na trabalhosa síntese de elementos filosóficos e literários, no interior de uma obra que recorria a diferentes métodos e modos de raciocínio (dialética, lógica, diálogo, mito, ironia, etc.). Neste sentido, a forma da obra de Platão foi valorizada ao mesmo nível do seu conteúdo, de modo que se tornou fundamental compreender os motivos que levaram Platão a escolher a forma dialógica para expressar seu pensamento. A obra de Platão seria uma indissociável

⁽¹¹⁾ Ao falar do testemunho de Aristóteles não se pode deixar de mencionara obra do renomado platonista americano Harold CHERNIS, *The Riddle of the Early Academy*, Berkeley, University of California Press, 1945 (trad. it. L. Ferrero, *L'enigma dell'antica Accademia*, Florença, La Nuova Italia, 1974), que julgou os testemunhos de Aristóteles como fruto da incompreensão da doutrina platônica e até mesmo da má fé de Aristóteles nas críticas dirigidas a Platão e aos Acadêmicos.

⁽¹²⁾ D. SCHLEIERMACHER, *Platons Werke*, Berlim 1804-1828 (segunda edição a partir de 1817, terceira edição em 1855).

⁽¹³⁾ A *Einleitung* foi reimpressa em AA.VV. *Das Platonbild. Zehn Beiträge zum Platonverständnis*, editada por K. Gaiser, Hildesheim 1969, p. 1-32; ed. it. *Introduzione a Platone*, Brescia, Morcelliana, 1996.

síntese de forma e conteúdo e, assim, a expressão por excelência da *comunicação filosófica*. Portanto, compreender o método e o conteúdo da filosofia platônica é compreender os diálogos platônicos. Além disso, na interpretação de Schleiermacher, os diálogos platônicos têm uma unidade doutrinal subjacente, de modo que é possível não só reconstruir o plano de cada diálogo, mas também o plano geral que liga todos os diálogos num sistema. Assim compreendidos, os diálogos têm um valor autônomo, no sentido de que o pensamento de Platão encontra-se exclusivamente neles, tendo como conseqüência a total desvalorização da *tradição indireta*.

b) Antecedentes da Escola de Tübingen-Milão

No início do século XX começavam aparecer algumas contribuições que podem ser consideradas precursoras da Escola de Tübingen. Leon Robin, em 1908 publica o famoso *A teoria platônica das Idéias e dos Números segundo Aristóteles*, contendo uma densa interpretação sistemática dos testemunhos de Aristóteles sobre as doutrinas do mestre e a declarada tentativa de compreender Platão pelo filtro da tradição antiga indireta¹⁴.

Em 1917 e em 1924 Julius Stenzel publicou dois importantes estudos sobre Platão¹⁵, dos quais concluía que os testemunhos de Aristóteles sobre as doutrinas não-escritas de Platão referem-se ao último período do seu filosofar, além de sustentar que uma das fontes de informação de Aristóteles é a famosa lição platônica *Sobre o Bem*, na qual ele discutia a teoria dos Princípios do Uno e da Díade, a questão das Idéias e dos Números e o seu nexos com os Princípios.

De modo semelhante a Stenzel, em 1949 P. Wilpert reafirmava a senilidade das doutrinas não-escritas de Platão a partir da reconstrução

⁽¹⁴⁾ L. ROBIN, *La théorie platonicienne des Idées et des Nombres d'après Aristote*, Paris 1908 (Hildesheim 1963).

⁽¹⁵⁾ J. STENZEL, *Studien zur Entwicklung der platonischen Dialektik von Sokrates zu Aristoteles*, Breslau 1917 (Darmstadt 19613); *Zahl und Gestalt bei Platon und Aristoteles*, Leipzig 1924 (Darmstadt 19593).

de dois escritos juvenis de Aristóteles sobre a teoria das Idéias¹⁶. Finalmente, é preciso mencionar a obra de J. N. Findlay, *Platão. As doutrinas escritas e não-escritas*, publicada em 1974, mas que é fruto de pesquisas desenvolvidas nos anos 20¹⁷, no qual defende a tese de que o estudo de Platão limitado à letra dos diálogos acaba por extrair dele a sua dignidade e o seu interesse filosófico¹⁸.

c) A Escola de Tübingen-Milão

A obra pioneira da nova interpretação de Platão é a de Krämer¹⁹, publicada em 1959, na qual investiga a formação e o desenvolvimento da ontologia platônica a partir da noção de *areté* (excelência), e das noções de *táxis* (ordem), *métron* (medida), *mesotés* (justo meio) e *agathón* (bem), cujos fundamentos, apenas aludidos nos diálogos, só podem ser explicados pelo recurso às doutrinas não-escritas. Em 1963 Gaiser publica a sua obra sobre o ensinamento oral de Platão, analisando particularmente a relação entre matemática e ontologia²⁰, e, em 1985 Szlezák desenvolve uma monumental análise dos primeiros diálogos e dos diálogos da maturidade à luz da crítica do escrito apresentada no *Fedro*, e apresenta a tese do socorro que o discurso oral deve trazer ao discurso escrito, obrigando a levar a sério

⁽¹⁶⁾ P. WILPERT, *Zwei aristotelische Frühschriften über die Ideenlehre*, Regensburg 1949.

⁽¹⁷⁾ J. N. FINDLAY, *Plato: The Written and Unwritten Doctrines*, Londres 1974.

⁽¹⁸⁾ Outros autores que, antes da Escola de Tübingen-Milão, também insistiram sobre a necessidade de levar em consideração as doutrinas não-escritas de Platão foram: C. A. BRANDIS, *De perditis Aristotelis libris de ideis et de bono*, Bonn 1823; F. A. TRENDELENBURG, *Platonis de ideis et numeris doctrina ex Aristotele illustrata*, Leipzig 1826; C. H. WEISSE, *De Platonis et Aristotelis in constituendis summis philosophiae principiis differentia*, Leipzig 1828.

⁽¹⁹⁾ Cf. H. KRÄMER, *Arete bei Platon und Aristoteles. Zum Wesen und zur Geschichte der platonischen Ontologie*, Heidelberg 1959 (Amsterdã 19672).

⁽²⁰⁾ Cf. K. GAISER é: *Platons ungeschriebene Lehre. Studien zur systematischen und geschichtlichen Begründung der Wissenschaften in der Platonischen Schule*. Com um importante Anhang: *Testimonia Platonica. Quellentexte zur Schule und mündlichen Lehre Platons*, Stuttgart 1963, 19682.

a tradição indireta²¹. A estas obras fundamentais deve-se somar a intensa produção desses expoentes da Escola²².

O livro de Giovanni Reale representa, entre outras coisas, um dos mais espetaculares fenômenos editoriais no âmbito dos estudos platônicos nos últimos anos. Publicado pela primeira vez em 1984 sob a forma de esboço provisório²³, teve três edições ampliadas no curso de 1986, e, a partir da quinta edição totalmente refundida, em 1987, passou a ser publicado pela Editora Vita e Pensiero da Universidade Católica de Milão. Em 1991 o livro chegou à décima edição, considerada pelo autor como definitiva, e mesmo depois disso, continuou a ser reimpresso com retoques e acréscimos, tendo chegado em 2003 à sua vigésima-primeira edição²⁴.

A grande novidade do livro de Reale, relativamente às posições já assumidas pelos estudiosos de Tübingen, foi a tentativa de transformar as perspectivas abertas pela revalorização das doutrinas não-escritas de Platão em um novo paradigma de leitura e interpretação de Platão, aplicando aos estudos platônicos os instrumentos conceituais que a reflexão epistemológica de Thomas Kuhn utilizou para analisar a sucessão dinâmica das teorias científicas no seu famoso livro sobre *A Estrutura das revoluções científicas*²⁵. Essa ousada operação de

⁽²¹⁾ Cf. Th. A. SZLEZÁK, *Platon und die Schriftlichkeit der Philosophie. Interpretationen zu den frühen und mittleren Dialogen*, Walter de Gruyter, Berlim 1985, ed. it. com o título: *Platone e la scrittura della filosofia. Analisi di struttura dei dialoghi della giovinezza e della maturità alla luce di un nuovo paradigma ermeneutico*, Intr. e trad. de G. Reale, Vita e Pensiero, Milão 1988, 19892.

⁽²²⁾ Ver a extensa produção de Krämer, Gaiser e Szlezák nas referências bibliográficas no final.

⁽²³⁾ Cf. G. REALE, *Per una rilettura e una nuova interpretazione di Platone*, Milão, Edizioni CUSL, 1984, 2ª ed. março de 1986, 3ª ed. junho de 1986, 4ª ed. outubro de 1986.

⁽²⁴⁾ Cf. G. REALE, *Per una nuova interpretazione di Platone. Rilettura della metafisica dei grandi dialoghi alla luce delle "Dottrine non scritte"*, 21ª ed., Milão. Vita e Pensiero, 2003, trad. bras. de M. Perine a partir da 14ª edição (1991), São Paulo, Loyola 1997.

⁽²⁵⁾ Cf. T. S. KUHN, *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago, Chicago University Press, 1962.

apropriação de instrumentos conceituais de um determinado campo do saber para aplicá-lo a outro é amplamente justificada por Reale nas “Premissas metodológicas essenciais”, apresentadas na primeira parte do seu livro, em especial no primeiro capítulo, no qual explora particularmente o conceito kuhniiano de paradigma e a sua compreensão da natureza das revoluções científicas, para aplicá-los às pesquisas platônicas em vista de justificar sua tese segundo a qual a nova interpretação de Platão proposta pela Escola de Tübingen se apresenta como um novo paradigma, que inaugura uma fase de “ciência extraordinária” nos estudos platônicos²⁶.

Além da polêmica provocada pela novidade “metodológica”, o livro de Reale despertou também uma intensa discussão teórica. Dentre as críticas apresentadas em resenhas da obra de Reale em língua alemã, destaca-se a de W. Wieland, sobre a relevância filosófica das doutrinas não-escritas, particularmente no que se refere à função fundadora atribuída aos princípios do Uno e da Díade na metafísica platônica, e no que diz respeito à concepção de um saber não-proposicional, encarnado por Sócrates, que estaria ausente na interpretação de Reale²⁷, e a de G. Figal sobre o conceito de sistema aplicado à filosofia platônica²⁸.

O livro de Reale não só desencadeou intensa polêmica nos meios acadêmicos europeus, mas também um fecundo trabalho de releitura de toda a obra escrita de Platão nos cânones do que passou a ser chamado de “novo paradigma”. São expressivos deste trabalho os

⁽²⁶⁾ Cf. G. REALE, *op. cit.*, p. 3-97, espec. p. 3-22 (trad. bras.).

⁽²⁷⁾ Esta é a crítica de Wolfgang Wieland, apresentada na resenha publicada no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, em 7 de dezembro de 1993, n. 284, p. L 16, reproduzida em Apêndice, com uma resposta de Reale às observações críticas, no final do seu livro (p. 564-572 da trad. bras.).

⁽²⁸⁾ Esta é a crítica de G. Figal, publicada em *Internationale Zeitschrift für Philosophie*, 1994, p. 150-162, também reproduzida em Apêndice, com resposta de Reale, no final do seu livro (p. 573-585 da trad. bras.).

comentários histórico-filosóficos aos diálogos de Platão elaborados por M. Migliori²⁹, por G. Movia³⁰ e M. Montuori³¹, bem como a tradução italiana de todos os escritos de Platão³², com introduções e notas explicativas, publicada em um só volume por Reale, fruto do trabalho do grupo de pesquisadores do Centro di Ricerche di Metafisica da Universidade Católica de Milão.

Finalmente, deve-se ainda creditar ao trabalho de Giovanni Reale o intenso trabalho editorial da Editora Vita e Pensiero, com grande número de traduções, coletâneas e obras originais, particularmente na Coleção sobre “Temas metafísicos e problemas do pensamento antigo. Estudos e textos”, na qual figuram nomes como os de C. de Vogel³³, K. Albert³⁴, M. Erler³⁵, V. Höslé³⁶, J. N. Findlay³⁷, G. Krüger³⁸, E. Cattanei³⁹ e J. Patocka⁴⁰ para citar os estudos sobre o pensamento platônico,

⁽²⁹⁾ Cf. M. MIGLIORI são: *Dialettica e Verità. Commentario filosofico al “Parmenide” di Platone*, Milão, Vita e Pensiero, 1990; *L'uomo fra piacere, intelligenza e Bene. Commentario storico-filosofico al “Filebo” di Platone*, Milão, Vita e Pensiero, 1993; *Arte politica e metretica assiologica. Commentario storico-filosofico al “Politico” di Platone*, Milão, Vita e Pensiero, 1996.

⁽³⁰⁾ G. MOVIA, *Apparenze essere e verità. Commentario storico-filosofico ao “Sofista” di Platone*, Milão, Vita e Pensiero, 1991.

⁽³¹⁾ M. MONTUORI, *Per una nuova interpretazione del “Critone” di Platone*, Milão, Vita e Pensiero, 1998.

⁽³²⁾ PLATONE, *Tutti gli scritti*, a cura di G. Reale, Milão, Rusconi, 1991.

⁽³³⁾ C. DE VOGEL, *Ripensando Platone e il Platonismo*, trad. E. Peroli, 1990.

⁽³⁴⁾ K. ALBERT, *Sul concetto di filosofia in Platone*, a cura di P. Traverso, 1991.

⁽³⁵⁾ M. ERLER, *Il senso delle aporie nei dialoghi di Platone. Esercizi di avviamento al pensiero filosofico*, trad. C. Mazzarelli, 1991.

⁽³⁶⁾ V. HÖSLE, *I fondamenti dell'aritmetica e della geometria in Platone*, trad. E. Cattanei, 1994.

⁽³⁷⁾ J. N. FINDLAY, *Platone. Le dottrine scritte e non scritte*, trad. R. Davies, 1994.

⁽³⁸⁾ G. KRÜGER, *Ragione e passione. L'essenza del pensiero platonico*, trad. E. Peroli, 1995.

⁽³⁹⁾ E. CATTANEI, *Enti matematici e metafisica. Platone, l'Accademia e Aristotele a confronto*, 1996.

⁽⁴⁰⁾ J. PATOCKA, *Platone e l'Europa*, trad. M. Cajthaml e G. Girgenti, 1997.

além de W. Beierwaltes⁴¹, J. E. Annas⁴²; A. Trendelenburg⁴³, H. Bonitz⁴⁴, P. Natorp⁴⁵, F. Brentano⁴⁶, T. Irwin⁴⁷, I. Toth⁴⁸ e E. Berti⁴⁹, para citar alguns dos grandes estudos sobre o pensamento antigo, de Aristóteles a Proclo.

O estado atual do debate

A tese de que a nova imagem de Platão desenhada pelas pesquisas da Escola de Tübingen-Milão se apresenta como um novo paradigma para os estudos platônicos, que se encontrariam atualmente numa fase de “ciência extraordinária”, é uma tentativa de responder aos problemas levantados e, aparentemente, não resolvidos no âmbito de uma compreensão da filosofia platônica que, mesmo reconhecendo a existência da tradição indireta, não reconhece a dimensão filosófica ou a importância hermenêutica a ela atribuída pela Escola de Tübingen-Milão.

-
- (41) W. BEIERWALTES, *Proclo. I fondamnti della sua metafisica*, trad. N. Scotti, 1988; *Pensare l'Uno. Studi sulla filosofia neoplatonica e sulla storia dei suoi influssi*, trad. M. L. Gatti, 1991; *Plotino. Un cammino di liberazione verso l'interiorità, lo spirito e l'Uno*, trad. E. Peroli, 1993; *Autoconoscenza ed esperienza dell'unità. Plotino, Enneade V 3, Saggio interpretativo, testo con traduzione e note esplicative*, trad. A. Trotta, 1995; *Eternità e tempo. Plotino, Enneade III 7. Saggio introduttivo, testo con traduzione e commentario*, trad. A. Trotta, 1995.
- (42) J. E. ANNAS, *Interpretazione dei libri M-N della "Metafisica" di Aristotele*, 1992
- (43) A. TRENDELENBURG, *La dottrina delle categorie in Aristotele*, trad. V. Cicero, 1994.
- (44) H. BONITZ, *Sulle categorie di Aristotele*, trad. V. Cicero, 1995.
- (45) P. NATORP, *Tema e disposizione della "Metafisica" di Aristotele*, trad. V. Cicero, 1995.
- (46) F. BRENTANO, *Sui molteplici significati dell'essere secondo Aristotele*, trad. S. Tognoli, 1995.
- (47) T. IRWIN, *I principi primi di Aristotele*, trad. A. Giordani, 1996.
- (48) I. TOTH, *Aristotele e i fondamenti assiomatici della geometria*, trad. E. Cattanei, 1997.
- (49) E. BERTI, *La filosofia del "primo" Aristotele*, 1997.

Os problemas do paradigma schleiermacheriano

Considerando as pesquisas platônicas desenvolvidas a partir da edição de Platão feita por Schleiermacher como um estado de “ciência normal” nos estudos platônicos, Giovanni Reale detecta três classes de problemas não resolvidos ou insuficientemente resolvidos.

Em primeiro lugar, os problemas relativos à extensão, aos aprofundamentos e às articulações do conhecimento dos diálogos platônicos considerados como autárquicos, isto é, como passíveis de serem compreendidos sem o recurso à tradição oral. Esses problemas concentram-se em torno da autenticidade dos diálogos, da sua sucessão cronológica e das tentativas de eliminação de todos os fatos contrastantes que poderiam pôr em questão a autarquia dos diálogos.

Em segundo lugar temos os problemas filosóficos levantados pelas tentativas de fazer concordar a autonomia dos diálogos com a interpretação da sua unidade. Nas tentativas de responder a esse problema encontramos tanto a introdução de vários critérios para reconstruir a unidade do pensamento platônico expresso nos diálogos, como as tentativas de reconstruir a evolução do pensamento de Platão, como, ainda, as referências a componentes extrínsecos à filosofia par explicar os diálogos.

Finalmente, temos os problemas decorrentes das tentativas de absorver a tradição indireta no interior do paradigma schleiermacheriano. Daí decorrem as tentativas de fazer coincidir as doutrinas não-escritas com a senilidade de Platão e as tentativas de esgotar o conteúdo das doutrinas não-escritas no interior dos chamados diálogos dialéticos, furtando à tradição indireta qualquer conteúdo que já não esteja na obra escrita.

Em síntese, os fundamentos do paradigma tradicional poderiam ser formulados em três proposições consideradas problemáticas pela nova interpretação de Platão: 1) os escritos platônicos são autárquicos na sua totalidade ou em grande parte; 2) dos escritos platônicos

se extrai uma unidade de sistema filosófico, e 3) a tradição indireta não tem valor determinante ou tem valor apenas parcial.

Em contraste com esses fundamentos, os do novo paradigma afirma: 1) que os escritos platônicos não são autárquicos nem na sua totalidade nem em parte, 2) que nos escritos não se encontra uma unidade, que 3) pode ser encontrada num recurso à tradição indireta, onde se encontraria a unidade sistemática de toda a filosofia platônica⁵⁰.

Quanto às vantagens da releitura da obra escrita de Platão à luz do novo paradigma hermenêutico, Giovanni Reale destaca, em primeiro lugar, um novo significado e um novo alcance dos escritos platônicos, interpretados como transposição do espírito socrático nos limites da escrita, isto é, no interior do gênero literário “diálogo”, inventado por Platão. Em segundo lugar, o recurso às doutrinas não-escritas permite compreender perfeitamente a estrutura de “socorro” inerente ao diálogo escrito, bem como as numerosas “passagens de retenção” que remetem a algo além do escrito. Em terceiro lugar, o recurso à tradição indireta não só não diminui, mas amplia a grandeza e o valor dos diálogos na medida em que lança luz sobre suas passagens obscuras a partir do núcleo da filosofia platônica, que se encontra na teoria dos princípios, formulada apenas no nível da oralidade. Além disso, o novo paradigma permite, em quarto lugar, um radical redimensionamento do sentido da ironia socrática e da sua função no âmbito do filosofar platônico. Finalmente, a nova imagem de Platão desenhada no interior do novo paradigma permite recolocar de maneira mais adequada a questão da evolução do pensamento platônico a partir de novos pressupostos⁵¹.

⁽⁵⁰⁾ Ver os esquemas ilustrativos dos problemas do paradigma tradicional e dos fundamentos dos dois paradigmas em: G. REALE, *op. cit.*, p. 50 e 51 (trad. bras.).

⁽⁵¹⁾ Sobre isso ver o capítulo quarto do livro de Reale: “As numerosas vantagens da releitura dos diálogos platônicos à luz das ‘Doutrinas não-escritas’ conservadas pela tradição indireta”, p. 81-97 (trad. bras.).

A posição de Franco Trabattoni

Franco Trabattoni, professor do Departamento de Filosofia da Università degli Studi de Milão, é autor de vários estudos sobre obra de Platão, dos quais se destacam *Platone*⁵², um amplo e documentado estudo com o sugestivo título *Scrivere nell'anima. Verità, dialettica e persuasione in Platone*⁵³, atualmente esgotado, e, mais recentemente, um condensado estudo sobre *Oralidade e escrita em Platão*⁵⁴, além de artigos e resenhas em revistas especializadas⁵⁵.

A análise pormenorizada da interpretação de Trabattoni será feita em outra sede. Aqui, sirvo-me da síntese das suas posições elaborada por ele mesmo no último capítulo do seu *Platone*, no qual expõe resumidamente as teses da Escola de Tübingen-Milão, discute os limites da nova imagem de Platão e o que ele considera como pressupostos inaceitáveis da interpretação de Platão proposta por ela⁵⁶.

Na interpretação de Trabattoni existem temas comuns entre a tradição dos escritos e a tradição indireta:

- 1) a necessidade de pensar a realidade ideal como cosmo noético complexo, formado de idéias de maior e menor extensão;
- 2) a necessidade de reformar o modo ingênuo de compreender a teoria das idéias em uma mais geral teoria dos princípios;

⁽⁵²⁾ F. TRABATTONI, *Platone*, Roma, Carocci Editore, 1998.

⁽⁵³⁾ Florença, La Nuova Italia Editrice, 1994.

⁽⁵⁴⁾ *Oralità e scrittura in Platone*, Seminario di Storia della Filosofia Antica, Università degli Studi di Milano, 1998/1999 (*Oralidade e escrita em Platão*. Trad. de Fernando E. de B. Rey Puente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial; Ilhéus: Editus, 2003, 216 p.)

⁽⁵⁵⁾ Cito alguns que são do meu conhecimento: *Platone, Aristotele e la "Metafisica classica". Osservazioni su un dibattito di attualità*, **Rivista di Storia della Filosofia**, 48 (1993), p. 663-692; *Platone, Rorty e la "violenza" della metafisica*, **Pratica Filosofica**, 10 (1996), p. 175-197; *Platone e la comunicazione*, **Kairia Syggelasai**, vol. VII, Associazione Italiana di Cultura Classica, Delegazione della Brianza, Monza 1997, pp. 7-25; *Il Platone di Charles Kahn*, **Elenchos**, 20 (1999), p. 131-143.

⁽⁵⁶⁾ Cf. *Platone*, op. cit., p. 329-344.

3) a introdução, junto com a unidade-limite, da multiplicidade ilimitada, entendida como uma espécie de matéria que, misturada com a unidade-limite, dá origem às coisas;

4) uma concepção da realidade como série graduada de planos, procedendo do que é menos perfeito para o que é mais perfeito;

5) a tendência, que se acentua no último período da vida de Platão, a utilizar a matemática, seja como instrumento pedagógico para levar a alma ao conhecimento intelectual seja como método para descrever a presença da razão e da ordem em todos os níveis da realidade;

6) o valor axiológico da matemática, particularmente a identificação do bem com a unidade e o limite.

Entretanto, na perspectiva assumida pelo autor, “todos esses temas devem ser entendidos como o prosseguimento de um trabalho já iniciado, e não como uma incompreensível e repentina mudança teórica”⁵⁷. Mesmo reconhecendo a existência da tradição indireta e os temas comuns com a tradição dos diálogos, no que se refere ao conteúdo das doutrinas não-escritas, Trabattoni afirma que há um elemento da interpretação de Tübingen-Milão que não parece encontrar nenhum rastro nos diálogos e que está em nítido contraste com eles. Trata-se do modo como se interpreta o segundo princípio, isto é, como causa metafísica do mal situável abaixo do ser. Esse dualismo parece ser o mais forte obstáculo à aceitação do novo paradigma hermenêutico.

Segundo Trabattoni, a interpretação da Escola de Tübingen-Milão deve ser recusada por força de seus pressupostos inaceitáveis. Em primeiro lugar, ela confirmaria a interpretação tradicional segundo a qual o pensamento platônico é caracterizado pela efetiva presença de um saber metafísico objetivo, o que não corresponderia à verdade. Depois da crítica à teoria das idéias no *Parmênides*, o interesse de Platão nos diálogos dialéticos caminhou na linha da superação da

⁵⁷) Cf. *Ibid.*, p. 339.

absoluta separação entre os dois mundos, objetivo este que perseguido por meio de uma doutrina dos princípios na qual os objetos metafísicos são reduzidos, em última análise, a um só, isto é, o uno-bem, inacessível ao conhecimento humano, do qual depende toda a realidade e todo o conhecimento, e que é a única realidade metafísica a se encontrar “além do ser”. Platão persegue esse objetivo tanto nos diálogos dialéticos como no ensinamento oral, o que o teria levado a atenuar a transcendência das idéias, pelo acolhimento no cosmo noético do não-ser, do diferente e das relações, de modo que as realidades ideais não seriam mais entendidas como objetos acessíveis à intuição intelectual. A falha dos tubingenses, no entender de Trabattoni, consistiria em não ver esse movimento do pensamento platônico, e em considerar a doutrina dos princípios como uma espécie de terceira navegação, isto é, como a conquista de um grau ulterior de conhecimento metafísico. Esta concepção seria errada porque a metafísica de Platão não seria uma metafísica positiva, mas “uma espécie de teologia negativa, na qual o saber metafísico se reduz à admissão de que é necessário pôr um princípio transcendente”⁵⁸.

Em segundo lugar, a posição dos tubingenses levaria a interpretar a filosofia platônica como simples continuação da pesquisa presocrática, tal como o fez Aristóteles. É claro que a aitiologia pré-socrática teve influência sobre a filosofia platônica, mas o que separa radicalmente Platão dos pré-socráticos é a consciência de que a ciência de realidades intelectuais, como a beleza ou a justiça, não pode ser comunicada como as outras ciências das outras realidades. Daí a necessidade de recorrer aos *logoi*, isto é, à verdade discursiva e, portanto, a necessidade absoluta da persuasão. De onde se segue que toda a obra escrita de Platão deva ser interpretada como uma gigantesca construção *retórica* em vista da *persuasão* da necessidade da dimensão metafísica. Para os discípulos imediatos de Platão tinha sentido o seu ensinamento oral como reforço dessa intenção persuasiva. Para nós só nos restam os diálogos, nos quais Platão pretendeu manifestar o que

⁵⁸ Cf. *Ibid.*, p. 341.

entendia ser comunicável de forma universal. Os diálogos são o máximo *esforço persuasivo* possível, considerando os limites da escritura, para suscitar no leitor a convicção de que “uma verdade metafísica deve existir, independentemente do modo específico e, por isso, refutável, no qual essa verdade é expressa e organizada numa doutrina”⁵⁹.

Seria correto privilegiar o ensinamento oral de Platão e, nesse sentido, a Escola de Tübingen-Milão teria o mérito de difundir uma imagem mais verdadeira da filosofia de Platão. Entretanto, seria preciso dar-se conta do verdadeiro motivo pelo qual Platão preferia a comunicação oral. O motivo não é de natureza histórica e contingente, ou seja, a desconfiança de Platão para com a difusão indiscriminada das suas doutrinas. A desconfiança relativamente ao escrito procederia da consciência que Platão tinha da dificuldade de qualquer doutrina ser verdadeiramente persuasiva. Afirma Trabattoni: “O elemento decisivo a compreender é que para Platão a possibilidade da refutação é essencial para uma verdade filosófica, porque a verdade não tem lugar nos textos, ou nas doutrinas, mas só na alma de quem está persuadido dela”⁶⁰.

CONCLUSÃO

Para concluir, quero afirmar que, rigorosamente falando, esse debate ainda não ocorreu entre nós aqui no Brasil. A recente tradução do opúsculo de Franco Trabattoni sobre *Oralidade e escrita em Platão* é um sinal promissor no nosso cenário acadêmico que até o momento parece ter dado a esta questão o desprezo que caracteriza a ignorância.

Sobre a minha interpretação da posição teórica de Trabattoni, remeto a um artigo intitulado “Retórica é/e filosofia. Leituras do *Fedro*”, e a uma resenha sobre a tradução do seu livro, que publiquei recentemente

⁽⁵⁹⁾ Cf. *Ibid.*, p. 343.

⁽⁶⁰⁾ Cf. *Ibid.*, p. 344.

na Revista *Hypnos*⁶¹, nos quais ensaio algumas reflexões críticas a respeito. Sobre a importância do atual debate, e sobre o atraso em que nossa comunidade acadêmica se encontra com relação a ele, concluo citando um pequeno trecho da resenha de Henrique de Lima Vaz ao livro de Giovanni Reale, publicada há mais de 10 anos na Revista *Síntese*: “O livro de Reale é um passo importante e, talvez, definitivo, no sentido da recuperação das ‘doutrinas não-escritas’ e da sua articulação às linhas fundamentais do pensamento de Platão tal como pode ser reconstituído a partir do texto dos *Diálogos*. Mas seria ingênuo supor que a tarefa hermenêutica em torno do texto de Platão tenha enfim resolvido seus grandes problemas. A bibliografia platônica é um campo sem fim justamente porque o texto de Platão, e tudo o que nos foi legado em seu nome, formam um tesouro inesgotável. Desse tesouro Reale nos oferece agora uma soma rara de riquezas. Mas muitas ficam por descobrir”⁶².

⁶¹ Cf. PERINE, M. “Retórica é/e filosofia. Leituras do *Fedro*”, **Revista Hypnos** (São Paulo), ano 8, n. 11, 2º sem. 2003, p. 34-49, e, “Platão e a concepção dúctil do saber filosófico”, **Id.**, p. 121-125.

⁶² Cf. LIMA VAZ, H. C. de. “Um novo Platão?” **Revista Síntese** (Belo Horizonte), v. XVII, n. 50, jul./set. 1990, p. 101-113, aqui p. 113.